

ENTRE O SUCESSO E O FRACASSO ORGANIZACIONAL DOS AGRONEGÓCIOS FRUTÍCOLAS EM PETROLINA, PERNAMBUCO

Eva CAMPOS (1); Daniel Rodriguez de Carvalho PINHEIRO (2)

(1) Faculdade Leão Sampaio, Av. Pe. Cícero 2830, Triângulo - Juazeiro do Norte - CE - Brasil:

eva@leaosampaio.edu.br

(2) Universidade Estadual do Ceará, Av. Dedé Brasil, 1700 – Fortaleza – CE; observatoriodecultura@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi verificar a preponderância e identificar novos fatores de risco correlacionados à sustentabilidade organizacional do agronegócio frutícola. A pesquisa é exploratória, tendo sido usado o método da amostragem não-probabilística, em virtude da dificuldade de acesso ao campo empírico. Os dados foram coletados por meio de observação direta, análise de documentos e de entrevistas estruturadas com os proprietários de lotes produtores de frutas no Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho, em Petrolina, Pernambuco. Considerando os níveis de capacidade tecnológica produzidos pela Embrapa Semi-árido, sediada em Petrolina, os produtores apresentam baixo grau de inovatividade, desconsideram as vantagens das inovações tecnológicas disponíveis, conduzem as fases de produção e gestão do negócio com extrema rusticidade. Os fruticultores identificam-se de maneira acentuada como produtores, desprezando a importante etapa de comercialização das frutas e pouco investem em formação profissional. Além de tais fatores, os produtores utilizam agrotóxicos, desconhecem as condições básicas para preservação dos lençóis freáticos, ameaçando em longo prazo o meio ambiente e a sustentabilidade organizacional dos negócios que conduzem.

Palavras-chave: agronegócio, mortalidade organizacional, sustentabilidade ambiental.

1. INTRODUÇÃO

A demanda mundial por alimentos tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Tal inclinação tem influenciado, por exemplo, o aumento da produção do agronegócio brasileiro.

Conforme o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2006), o Brasil possui alguns fatores que contribuem para um quadro produtivo tão promissor, quais sejam: clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda a água doce disponível no planeta. Outro benefício apresentado neste panorama é que o desenvolvimento tecnológico e científico tem possibilitado a modernização da atividade rural e desenvolvimento de biotecnologias.

Entretanto, estudos apontam que a agricultura moderna tem características que mais a aproximam de uma indústria extrativista, inclinando-a ao perfil de uma atividade não-sustentável. Tal tendência manifesta-se com a utilização desordenada dos recursos do ambiente, colocando em risco a rica base de recursos naturais. Em termos de estudos organizacionais, é possível constatar igualmente uma ameaça à sobrevivência econômica e social dos negócios ligados às atividades de produção agrícola (HEYMANN et al, 2005; MAPA, 2006; LOPES, 2007).

A região do Submédio do Rio São Francisco, onde está localizado geograficamente o campo de pesquisa – o Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho – se apresenta como um ambiente geoeconômico propício ao desenvolvimento da produção agrícola. A despeito de indicadores tão promissores, o projeto em questão, Nilo Coelho, apresenta visível quantidade de lotes à venda e produtores queixosos de extremas dificuldades em conduzir os processos produtivos, declarando condições inviáveis de comercialização (CAMPOS, 2008).

O principal objetivo da presente proposta investigativa foi verificar a preponderância e identificar novos fatores correlacionados aos riscos à sustentabilidade organizacional do agronegócio frutícola no Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho, em Petrolina, Pernambuco.

Além desta introdução será desenvolvido um referencial teórico dando sustentabilidade à pesquisa, seguido do método e após será apresentada a análise dos resultados. O trabalho será finalizado com a conclusão, seguida das referências bibliográficas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Empreendedorismo, inovação, desenvolvimento – cenários para a biotecnologia

Pesquisas e estudos acadêmicos sobre empreendedores têm crescido significativamente nos últimos anos com a admissão de que estes são os maiores propulsores do desenvolvimento econômico em diversos países em todo o mundo.

Dentro da importante discussão e dos estudos acerca do empreendedorismo, destaca-se, incontestavelmente, o trabalho de Joseph Alois Schumpeter (1883-1950). Schumpeter desenvolveu uma conceituada análise sobre personagens especiais dentro do sistema econômico ao caracterizá-los como agentes de mudança, originada do processo de inovação.

Para Schumpeter (1982, p. 54) o “*empresário*” seria o foco central no que se refere à questão da inovação, admitindo na figura deste além do domínio de características administrativas, a capacidade de criar novos negócios.

Para Schumpeter (1982) o capitalismo era intrinsecamente dinâmico e orientado para o crescimento, não vendo a necessidade de o Governo desgastar-se com uma ferramenta auxiliar permanente, apesar de concordar que o mesmo poderia ser utilizado para aliviar perturbações sociais quando ocorresse uma depressão. Adiante, em outros escritos, esta visão se transformou.

Num artigo publicado um ano antes de sua morte, em 1949, pelo *Research Center in Entrepreneurial History*, da Universidade de *Harvard*, Schumpeter (1949) resumiu e sistematizou suas contribuições anteriores sobre a função empresarial e o processo inovativo. Tal trabalho abriu algumas novas expectativas, como a inclusão do Estado na categoria dos agentes de inovação tecnológica.

Esta nova idéia referia-se especificamente aos Estados Unidos, cuja economia agrária foi revolucionada pelos métodos desenvolvidos e propagados pelo Departamento de Agricultura, conjecturando que a capacidade de inovar não é virtude de alguns privilegiados, mas pode manifestar-se de várias maneiras e nos mais diversos contextos.

Tal visão considerada por Schumpeter (1949), ao incluir o Estado como agente de inovação, alinha-se ao trabalho desenvolvido pela Embrapa Semi-Árido, sediada em Petrolina. Como desenvolver inovações tecnológicas – mais precisamente biotecnologias – é um processo dispendioso e muitas vezes inviável para pequenos e médios produtores, parece caber nas funções do Estado o papel de agente inovador. O produtor, dentro do desenho feito por Schumpeter (1949;1982) utiliza-se de tais criações, alterando sistemas de trabalho ultrapassados e desencadeando o desenvolvimento econômico (CAMPOS, 2008).

As inovações, no caso dos agronegócios, se desvelam como biotecnologias. Para se chegar ao delineamento deste conceito, Evangelista (1999) enuncia que no Brasil as atividades agropecuárias passaram por um processo de transformação que é fundamental investigar.

Soares e Ferreira (2004) argumentam ser não apenas difícil, quicá impossível proteger o meio ambiente sem o uso racional de instrumentos econômicos. O meio ambiente tem sido abordado de maneira dependente e suplementar nos estudos econômicos. A região do Vale do São Francisco, por apresentar condições próprias que se alinham ao contexto de desenvolvimento de bionegócios, não se desviou dessa contenda.

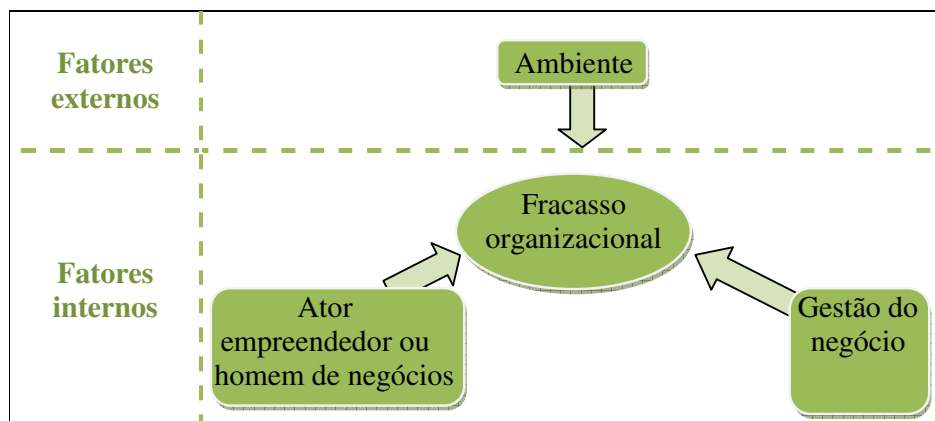
2.2. O outro lado da moeda: o problema do fracasso nos negócios

Nas ciências sociais, particularmente na seara dos estudos administrativos, seja em perspectivas estratégicas, financeiras, mercadológicas ou culturais, tem-se como propósito investigar meios para a revitalização dos negócios e numa instância mais abrangente, promover o desenvolvimento econômico e o bem estar social.

A lista de atributos que competem para com o declínio dos negócios é extensa. Com o objetivo de organizar os principais aspectos já levantados pelos pesquisadores do tema da mortalidade empresarial, procedeu-se a uma síntese do somatório de trabalhos em que pesquisadores expuseram suas constatações acerca dos fatores que podem afetar severamente a gestão dos negócios (BEDÊ, 2004; FEE, 2004; SEBRAE, 2004).

Nos estudos sobre o problema do fracasso nos negócios, os pesquisadores e interessados no tema detectaram que fatores relacionais estruturam-se em origens diversas: o comportamento do empreendedor, a operacionalidade do negócio e o ambiente externo. Sten (1998) relacionou um modelo teórico, cujo layout, desenhado por Campos (2008) apresenta-se na figura 1:

Figura 1: Fatores correlacionados ao fracasso nos negócios



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Sten (1998)

Os agronegócios, constituídos estruturalmente sob moldes organizacionais, não se isentam dos riscos de fracasso. Estão sujeitos, inclusive, às ameaças advindas dos impactos ambientais e que podem causar, a médio e longo prazo, o declínio dos processos produtivos.

2.2.1. Fatores internos

Nos últimos anos, pesquisas têm dado especial ênfase à ineficiente conduta na gestão dos negócios como foco central das razões do declínio (FEE, 2004). Os fatores indutores da mortalidade empresarial têm sua origem primordialmente do despreparo do proprietário em conduzir adequadamente seus negócios (BEDÊ, 2004).

Segundo a FEE (2004, p. 7, tradução nossa), “a competência na gestão é notadamente um recurso eficiente para negócios de toda natureza. O gerenciamento é indubitavelmente responsável por todas as decisões comerciais importantes numa organização”.

O Quadro 1 sintetiza os principais fatores internos, os quais foram sistematicamente subdivididos em problemas no ferramental de gestão, insuficiência de recursos e problemas pessoais:

Quadro 1: Fatores internos com possíveis correlações ao fracasso empresarial.

Fatores internos	Problemas Gerenciais	Financeiros	<ul style="list-style-type: none"> • Insuficiência de capital próprio/ recursos financeiros; • Mau gerenciamento de capital de giro; • Peso de altos salários; • Inadimplência dos clientes • Falta de controle financeiro; e • Excesso de venda a prazo.
		Mercadológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Não investir em publicidade; • Não identificar clientes e hábitos de consumo; • Não desenvolver novos clientes; • Insatisfação dos clientes quanto à qualidade/prazo de entrega; • Má localização das instalações; e • Falta de previsão de venda.
		De Produção	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de avaliação da produtividade; • Não aperfeiçoamento do produto; • Falta de investimento em pesquisa e desenvolvimento; e • Demora no desenvolvimento do produto.
		Juríco-organizacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de capacidade decisória de assumir riscos; • Falta de planejamento prévio; • Incapacidade de inovação; • Incapacidade de responder às alterações ambientais; • Falta de estratégia diferenciada; • Abrir negócio por pressão social/ econômica; • Tipo de vínculo empregatício anterior; • Centralização de poder; • Falta de habilidade para enfrentar crescimento rápido; • Falta de preocupação com a imagem da empresa; • Negligência empresarial com os concorrentes; • Baixa dedicação ao trabalho; • Empresa pequena (porte) ou número limitado de sócios; e • Origem do capital inicial.
	Insuficiência De recursos	Tangíveis	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de adequação tecnológica ou obsolescência tecnológica; • Falta de material para atender aos pedidos; • Má qualidade dos produtos ou serviços; • Falta de um Sistema de Informações Gerenciais; e • Mau controle dos estoques de matéria prima.
		Intangíveis	<ul style="list-style-type: none"> • Baixa capacidade administrativa dos dirigentes; • Falta de postura empreendedora; • Falta de apoio profissional especializado; • Recrutamento insuficiente; • Recrutamento de familiares sem capacitação; • Falta de mão-de-obra capacitada ou falta de treinamento • Falta de experiência anterior ao abrir o negócio; • Baixo nível de escolaridade do proprietário; e • Idade do gestor (imaturidade).

	Problemas pessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Debilidade da saúde física do proprietário; • Problemas de sucessão; • Problemas com os sócios; • Aposentadoria do gestor (retirada dos negócios); • Morte dos proprietários ou dos sócios; • Opção por um emprego; e • Falta de apoio familiar.
--	--------------------	--

Fonte: Campos (2008).

É perceptível a quantidade de fatores internos, mais propriamente relacionados à insipiência da gestão, afetando de maneira negativa o andamento dos negócios. A lista de atributos é considerável. É possível entender, procedida ponderada análise, que os gestores ou condutores do agronegócio não se isentam de tais problemas.

2.2.2. Fatores externos

Fatores externos (quadro 2) são complicações com as quais as empresas se deparam, dispondo-se a manobrá-los na busca da sobrevivência de suas atividades, sem, no entanto, poder controlá-los diretamente. Estes podem ser caracterizados como forças que contribuem consideravelmente para o insucesso dos negócios (BEDÊ, 2004; FEE, 2004).

O quadro 2 mostra uma súmula das pesquisas realizadas para detectar os fatores externos à organização e que porventura possam contribuir para o declínio dos negócios. Foram divididos entre: fatores macroeconômicos, políticos e sociais, fatores fortuitos e ambientais (DeCASTRO, 1999; CAMPOS, 2008).

Quadro 2: Fatores externos com possíveis correlações ao fracasso empresarial.

Fatores Externos	Macroeconômicos	<ul style="list-style-type: none"> • Concorrência acirrada; • Limitações do mercado ou mercado ditado pela clientela; • Ação de monopólios e oligopólios; • Dependência dos fornecedores; • Tecnologia indisponível; e • Nova tecnologia dos concorrentes.
	Políticos e sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de obter recursos financeiros/crédito; • Tratamento da Legislação tributária excessiva; • Condições impróprias de financiamento (altas taxas de juros, prazos de carência insuficientes e amortização); • Dificuldades de acompanhar alterações de legislação econômica e fiscal, acarretando pesadas multas; • Peso da Legislação trabalhista e social; • Falta de políticas governamentais de incentivo; e • Problemas econômicos conjunturais.
	Fatores fortuitos	<ul style="list-style-type: none"> • Roubo; • Incêndio.
	Fatores ambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Hecatombes; • Secas; • Enchentes e • Geadas.

Fonte: Campos (2008).

Os fatores ambientais podem ser mais comuns em atividades ligadas à produção agrícola ou aos agronegócios. Tais fatores, em acontecendo, comprometem severamente o andamento de tais tipos de negócios, uma vez que as condições climáticas são uma necessidade irrefutável para a produção.

3. FONTES, MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A presente pesquisa é predominantemente empírico-analítica, quanti-qualitativa e exploratória. As fontes primárias e secundárias são: (a) as visitas guiadas a municípios Petrolina, o perímetros irrigado, registradas num diário de campo e ilustradas por fotografias digitais; (b) relatórios produzidos pela CODEVASF; (c) entrevistas estruturadas sem respostas induzidas (PINHEIRO, 2006) feitas com uma amostra não probabilística de 87 colonos; (d) o universo é de 1384 colonos do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho que produziam frutas em 2006 e 2007.

Para o cálculo do tamanho da amostra, a técnica de amostragem é amplamente utilizada. As vantagens que esta proporciona ao estudo de populações decorrentes da impossibilidade de se obter informações de todos os indivíduos são fundamentais (RICHARDSON, 1999). Mas, neste caso, devido à dificuldade de acesso aos lotes, localizados em uma extensão de 167 km (CODEVASF, 2006), optou-se pela escolha de uma amostra não-probabilística, por conveniência, em virtude ainda da resistência inicial que os fruticultores apresentavam em ceder informações.

As entrevistas foram feitas pela pesquisadora e por um estagiário de nível acadêmico que conhecia o município de Petrolina e foi treinado para o trabalho. Em casos como o de pesquisas feitas em zonas rurais, só é possível encontrar o produtor em sua residência no período compreendido entre o final da tarde e início da noite e aos finais de semana, devido à natureza de suas atividades. Realizar as entrevistas em horário de trabalho é uma tarefa complexa, dadas as condições de dinamicidade das tarefas realizadas pelos respondentes (CAMPOS, 2008).

Todavia, considerado o pouco rendimento da realização das entrevistas apenas nas residências dos respondentes, optou-se por realizá-las nos ambientes de trabalho. Esta limitação, aliada à distância entre as residências, dos lotes e o alto custo deste tipo de investigação, foi crucial na escolha da amostra não-probabilística, que embora podendo levar a resultados úteis, não se prestam, contudo, para inferências estatísticas. A determinação do método da amostragem necessita de uma série de condições, que entre outras englobam os recursos financeiros, objetivos do estudo, limitação do tempo e da natureza do problema investigado.

Como a maior parte dos respondentes possui baixo grau de escolaridade e hábitos de vida interioranos, informação verificada com a realização do pré-teste, alguns cuidados foram essenciais para a realização bem sucedida da pesquisa. Orientou-se que a primeira abordagem para com o proprietário tivesse algumas características diferenciadas. Alvitrou-se o uso de vestimentas simples, próprias para o ambiente em questão, e o esclarecimento de uma ausência total de vínculo com qualquer órgão público, especialmente da CODEVASF.

Para a aplicação do instrumento de coleta de dados foi necessário uma adaptação das afirmações, no intuito de uma melhor compreensão pelos entrevistados no universo escolhido. Este aspecto foi de extrema relevância na decisão de adaptar o texto das perguntas. Tal percepção conduziu à decisão de adequação a um nível de entendimento compatível com o grau de escolaridade habitual ao perfil dos entrevistados, sem, todavia, adulterar o sentido primordial da indagação. Foram reduzidas as expressões repetitivas para abordar um número mínimo de palavras para o entrevistado analisar.

A proposta da pesquisa que deu origem ao interesse pelas atividades de produção frutícola iniciou-se com os estudos dos riscos nascidos da fruticultura irrigada no semi-árido brasileiro. Foram investigados anteriormente perímetros implantados e subsidiados pelo Governo Federal: Livramento de Nossa Senhora, no estado da Bahia; Morada Nova e Pentecoste, no estado do Ceará e Nova Porteirinha, no estado de Minas Gerais.

As perguntas estruturadas seguiram um roteiro estabelecido, no intuito de caracterizar o agronegócio. Estas informações permitiram o contraste com a atual literatura e a análise sobre os riscos de insucesso nos pequenos agronegócios. Para exame e totalização das informações resultantes das entrevistas, foi utilizado o software SPSS (*Statistical Package for the Social Science*) for Windows, versão 11.5.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguindo o desenho teórico proposto por Sten (1998), o resultado do processo investigativo apontou indícios importantes. Quanto ao perfil básico dos respondentes, têm-se os dados da Tabela 1:

Tabela 1: Perfil básico dos respondentes

Percentual	Característica
85,00%	São homens
77,01%	NÃO possuem nem o 1º grau completo
95,41%	Identificam-se como produtores
11,07	Anos em média de atividade em Petrolina produzindo frutas (min 2 – máx 31)
81,61%	Não reconhecem a fruticultura como negócio;
83,41%	Afirmam ter o lote como única fonte de renda;

Fonte: Dados da pesquisa

É perceptível a identificação dos fruticultores com o processo produtivo. Igualmente não reconhecem na fruticultura como um negócio com várias etapas e processos.

Quanto às qualidades empreendedoras dos entrevistados, vestígios importantes foram detectados. O empresário schumpeteriano parece distanciar-se fortemente do perfil apresentado pelos fruticultores (Tabela 2).

Tabela 2: Perfil empreendedor dos respondentes

Percentual	Característica
98,85%	Apresentam baixo grau de propensão à inovação
47,13%	Compraram o lote de outros colonos, sinalizando a visualização de oportunidade
70,11%	Não mudariam sua situação atual como produtores
86,20%	Não trocariam o trabalho de produção por um emprego
62,06%	Contentar-se-iam com melhoria dos preços de vem por parte dos atravessadores
88,00%	Utilizam tecnologia recomendada por outros produtores.

Fonte: Dados da pesquisa

A gestão do agronegócio frutícola apontou informações no mínimo preocupantes, como mostrado na Tabela 3:

Tabela 3: Gestão do agronegócio frutícola

Percentual	Característica
98,85%	Entregam seus produtos aos atravessadores
100,00%	Exploram mão-de-obra no processo produtivo
77,01%	Não empregam trabalhadores qualificados
20,69%	Já buscaram formação técnica
13,79%	Já buscaram formação em administração
14,94%	Já buscaram formação em empreendedorismo
75,86%	Trabalham com mais de um tipo de produção
79,31%	Afirmam ter perdas na produção, todavia sem base de avaliação de percentuais
87,40%	Não têm efetivo controle financeiro do negócio
86,21%	Não têm planos ou metas definidos
97,70%	Nunca utilizaram ferramental tecnológico (computadores e sistemas)
46,00%	Afirmam realizar pesquisas constantemente (apenas análise de solo)
70,11%	Utilizam serviço técnico oferecido pela CODEVASF
98,85%	Utilizam agrotóxico na produção de frutas

Fonte: Dados da pesquisa

A prática de aceitar a entrada do atravessador no processo comercial desencadeia outros hábitos ainda mais preocupantes. Todos os entrevistados que afirmaram entregar seus produtos para os atravessadores também: vendem os produtos diretamente no lote, não realizam nenhum tipo de divulgação, não escolhem o mercado para onde seus produtos são destinados, não armazenam nem transportam o que produzem, na maioria das vezes afirmaram aceitar as condições de preço e pagamento impostas pelo atravessador, sujeitando-se à redução de preço dos produtos.

A percepção do ambiente econômico também apontou para um panorama preocupante, como mostrado na Tabela 4:

Tabela 4: Percepção do ambiente econômico por parte dos fruticultores

Percentual	Característica
83,91%	Consideram os incentivos do governo poucos ou insuficientes
16,09%	São pronafianos
51,70%	Afirmam existir dificuldades em obter empréstimo bancário
86,21%	Afirmam NÃO ter dificuldades para vender o produto
22,00%	Utilizam tecnologias produzidas pela EMBRAPA

Fonte: Dados da pesquisa

Sintetizados os resultados, decorreu-se às análises interpretativas das questões norteadoras da investigação proposta.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FUTURAS

Considerando o desenho teórico proposto no presente trabalho, o qual se estrutura no potencial empreendedor, gestão e influência do ambiente econômico como determinantes do nível e qualidade dos negócios, procedeu-se com a análise de algumas questões.

O ambiente socioeconômico em Petrolina parece mostrar-se favorável, à medida que o projeto em questão – o PISNC – foi concebido, implantado e desenvolvido por ações governamentais. Petrolina abastece, com sua produção agroindustrial, o mercado local, destinos circunvizinhos e o exterior.

O ambiente socioeconômico também oferece condições de formação educacional e profissional, através dos Centros Universitários, escolas técnicas e instituições de fomento ao desenvolvimento dos negócios e pesquisas sobre, como o Sebrae e SBPC. A Embrapa oportuniza as biotecnologias produzidas, cujo intento é o aumento da eficiência produtiva e solidez nos processos de sustentabilidade ambiental.

Quanto ao perfil da administração dos processos produtivos e das atividades próprias da comercialização, há indicativos de extrema rusticidade e inércia. Os proprietários dos lotes foram categóricos: identificam-se como agricultores ou produtores. Não enxergam na fruticultura uma atividade comercial.

O controle e planejamento da produção também se revelaram insípidos: não há planos alternativos para o caso de perdas na produção, há pouca exploração de culturas para entressafra e não há preocupação na captação ou treinamento do pessoal empregado no manejo e colheita dos produtos. A etapa de comercialização é responsabilizada aos atravessadores, bem como distribuição, logística e *marketing*, se é que o fazem.

Em relação à sustentabilidade dos negócios frutícolas a médio e longo prazo, no que tange exclusivamente as questões ambientais, há indícios de grandes problemas. Os produtores estão contaminando o solo com uso abusivo de agrotóxico, agravando o problema por não possuírem fossa ou sumidouro, tampouco nada promoverem para preservar o meio ambiente.

As respostas proferidas na questão sobre o cuidado com a preservação ambiental refletem apenas a força de uma ação fiscal e punitiva para os usuários de agrotóxico, que não recolherem os utensílios de manuseio para evitar a contaminação dos lençóis freáticos. Caso alguma fiscalização flagre o descaso com os utensílios, o proprietário do lote recebe uma multa e advertência.

O presente estudo revelou, através dos métodos e técnicas investigativas, que nos três níveis do desenho teórico proposto, há fatores influenciadores para o declínio dos agronegócios frutícolas em Petrolina. A este quadro acrescentam-se os problemas de impacto ambiental e falta de conscientização quanto à preservação dos recursos naturais. A degradação edifica-se como um fator de risco para a sustentabilidade organizacional do agronegócio frutícola e em longo prazo, para questões de sobrevivência da própria humanidade.

Biotecnologias são oportunizadas pelo Estado através do trabalho desenvolvido pela Embrapa e disseminado pelas Instituições, públicas ou privadas, de formação de profissionais no campo de Engenharia Agrícola ou áreas afins. Todavia, há visível subutilização de tamanho potencial tecnológico, uma vez que técnicas rústicas e iniciativas de produção arcaicas ainda são adotadas com ênfase pelos produtores, foco da presente investigação.

A insipiência e dissimilitude entre teoria e prática desencadeiam ações preocupantes, como os agravos ao ambiente. Impactos ambientais ameaçam o planeta bem como resvalam consideráveis resquícios à sustentabilidade organizacional dos agronegócios. Todavia, como os sintomas de convalescença parecem ser percebidos apenas em médio e longo prazo, têm suas conseqüências apreendidas com extrema dificuldade. A magnitude do problema não esgota na presente investigação as conclusões acerca do problema do fracasso organizacional nos agronegócios – é apenas mais um passo no processo de construção do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

BEDÊ, Marco Aurélio (Coord.). Sobrevivência e mortalidade das empresas paulistas de 1 a 5 anos. São Paulo: SEBRAE, 2004.

CAMPOS, Eva Maria. *Práxis empreendedora e o risco à sustentabilidade dos agronegócios frutícolas*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2008.

DeCASTRO, Julio. Differing perceptions of new venture failure: a matched exploratory study of venture capitalists and entrepreneurs. *Journal of Small Business Management*. Julho, 1999.

EVANGELISTA, Francisco Raimundo. A visão de agronegócios – alguns impactos sobre a produção agropecuária. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999.

FÉDÉRATION DES EXPERTS COMPTABLES EUROPÉENS. Avoiding Business Failure - A Guide for SMEs. European Federation of Accountants, 2004.

HEYMANN, Luciana Quillet; ARRUTI, José Maurício Andion e Lima, Ricardo Vieira. Da Monocultura ao Agribusiness: A História da Sociedade Nacional de Agricultura. São Paulo: Embrapa, 2005.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA. Agronegócio Brasileiro: Uma Oportunidade de Investimentos. Julho, 2006.

PINHEIRO, Daniel Rodriguez de Carvalho. Coleta de dados para pesquisa. Observatório da cultura / Métodos e Técnicas de Pesquisa. Disponível em: <<http://www.observatorio.pro.br>>.

RICHARDSON, ROBERTO JARRY. Pesquisa Social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHUMPETER, Joseph Alois. A Teoria do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHUMPTER, Joseph Alois. Economic Theory and Entrepreneurial History. 1949. Repr. In SZMRECSÁNYI, Tamás. Idéias fundadoras. *Revista Brasileira de Inovação*. V.1, n. 2, p. 201-224, 2002.

SEBRAE. Mortalidade empresarial. Junho, 2004. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>. Acessado em 12 junho de 2006.

SOARES, Bernardo Elias Correa e FERREIRA, Aldo Pacheco. Desenvolvimento sustentável e biodiversidade. *Revista Biotecnologia, Ciência & Desenvolvimento*, ed. 33, 2004.

STEN, Jan. Exit – Success or failure? In ICSB Conference - International Council of Small Business Proceedings. Singapura, 1998..